



LIVRO DE RESUMOS

Bernardo Vasconcelos e Sousa (Universidade NOVA de Lisboa)

Título: *A ‘espantosa realidade’ de uma Nova Idade Média*

Resumo: A historiografia portuguesa – como, de resto, toda a investigação científica no país – conheceu um notável desenvolvimento a partir da segunda metade da década de 1970. No caso da Idade Média, alguns prenúncios de novidade já se vinham a fazer notar nos anos finais da Ditadura. Mas seria depois do “25 de Abril” que haveriam de florescer, em quantidade e em qualidade, novas formas de abordar a época medieval. A linha dominante na historiografia oficial durante o Estado Novo, de matriz nacionalista e heróica, seria definitivamente ultrapassada, dando lugar a um esforço para acertar o passo com o que de mais relevante era praticado em termos europeus. A abertura para novas temáticas, novas metodologias e novos conceitos reflectiu-se dentro e fora da instituição universitária, suscitando uma radical renovação nos trabalhos sobre a Idade Média em Portugal. Entre a década de 1980 e o início da nova centúria viveu-se um dos períodos mais profícuos na investigação e na publicação do medievalismo português. A “espantosa realidade das coisas” passava a ser “descoberta” também no estudo da época medieval portuguesa.

Bio: Bernardo Vasconcelos e Sousa é Professor Associado na FCSH-UNL onde coordenou o Mestrado em História (2009-2017). Foi presidente do IEM (2006-2008) e director da Medievalista (2007-2008; 2015-2020). Entre as suas publicações contam-se *Os Pimentéis. Percursos de uma Linhagem da Nobreza Medieval Portuguesa (Séculos XIII-XIV)*, IN-CM, 2000 (Prémio Júlio de Melo Fogaça, da Academia das Ciências de Lisboa), *D. Afonso IV (1291-1357)*, Círculo de Leitores, 2005, e a parte sobre Idade Média da *História de Portugal* dir. por Rui Ramos, 11ª ed., D. Quixote, 2021 (Prémio D. Dinis 2009, da Fundação Casa de Mateus). Coordenou a obra *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento – Guia Histórico*, 3ª ed., Livros Horizonte, 2016 (Prémio Almeida Fernandes de História Medieval 2006) e o volume sobre Idade Média da *História da Vida Privada em Portugal*, dir. por José Mattoso, Círculo de Leitores-Temas e Debates, 2010. Co-editou *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)*, dir. por José Mattoso, IEM, 2012. Coordenou a parte sobre Idade Média da *História Global de Portugal*, dir. por Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco e José Pedro Paiva, Temas e Debates, 2020. Pertenceu à Direcção da Associação de Professores de História (1988-1990). Foi Subdirector do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (1996-1998) e seu Director (1998-2001). Foi Vice-Presidente do Conselho Superior de Arquivos (2001-2003). É Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História, Membro Correspondente da Academia de Marinha e Membro Titular da Académie Internationale de Généalogie.



Marco Alexandre Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Título: *A Revolução após a Revolução: 1383 na historiografia do pós-25 de Abril de 1974*

Resumo: O momento histórico que marca o período que se estendeu entre o final da primeira dinastia portuguesa e o início da segunda tem sido apelidado, ao longo dos últimos dois séculos, de diversas formas distintas. Até pelo menos aos anos 80 do século XX, o debate conceptual entre historiadores focou-se maioritariamente entre os conceitos de "Revolução" e de "Crise", numa minimamente clara batalha ideológica sobre este período histórico concreto. A partir de então, outros conceitos têm vindo a ser aplicados, com destaque para o de "revolta", por Maria José Pimenta Ferro Tavares, ou ainda de "movimentos populares", em linha com o que se vinha desenvolvendo na restante historiografia europeia. Entretanto, esta historiografia tem já descrito estes momentos de tensão social recorrendo a novos conceitos (como os de "contenção"/"disputa" ou "resistência pacífica/violenta"). Para o caso português, parece ainda existir um largo consenso pelo recurso ao conceito de "Crise" para identificar este momento finimediaval. Nesta comunicação, procuraremos explorar a forma como este conceito ganhou espaço entre a historiografia portuguesa e os seus mecanismos de afirmação na historiografia do pós-25 de Abril de 1974 até aos nossos dias, avaliando a sua eventual pertinência e as suas múltiplas limitações para o exercício da escrita da história.

Bio: Investigador não doutorado do Centro de História da Universidade de Lisboa, licenciado em História (2017), mestre em Estudos Medievais (2019), e pós-graduado em Ética e Filosofia Política (2020) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Integrou o projeto coletivo de âmbito nacional MedCrafts e está a desenvolver um projeto de doutoramento centrado no processo de construção de uma consciência política nos mesterais portugueses do final da Idade Média e início da Idade Moderna. Tem como principais áreas de interesse a história social da política medieval e o pensamento filosófico português dos séculos XIX e XX.



Pedro Martins (Universidade NOVA de Lisboa)

Título: *A Idade Média nas “histórias de Portugal” do período democrático*

Resumo: Concebidas sobretudo como obras de divulgação, as várias “histórias de Portugal” publicadas nas décadas que se seguiram ao 25 de abril de 1974 refletem em boa medida algumas das grandes alterações verificadas na historiografia portuguesa durante a segunda metade do século XX. As secções dedicadas à Idade Média nestas obras constituem um campo privilegiado para a análise destas alterações. De Joaquim Veríssimo Serrão a António Borges Coelho, passando por José Hermano Saraiva, Armando de Castro, José Mattoso, Cláudio Torres, Maria Helena da Cruz Coelho, A. H. de Oliveira Marques e Bernardo Vasconcelos e Sousa, foram vários os autores que se debruçaram sobre o período medieval nas várias “histórias de Portugal” publicadas durante o período democrático. Nesta apresentação far-se-á uma primeira aproximação aos grandes temas relacionados com a Idade Média nestas obras, procurando perceber as diferenças e semelhanças entre as análises dos autores mencionados e em que medida estas representaram uma rutura em relação às veiculadas nas “histórias de Portugal” publicadas durante o Estado Novo.

Bio: Pedro Martins é investigador integrado do Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa / IN2PAST — Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território (IHC — NOVA FCSH / IN2PAST). Em 2011 concluiu uma dissertação de mestrado pela NOVA FCSH dedicada à história do turismo balnear em Portugal. É doutorado em História Contemporânea pela mesma instituição e pela Kultur- und Sozialwissenschaftliche Fakultät – Universität Luzern (Suíça), tendo defendido a tese “History, Nation and Politics: The Middle Ages in Modern Portugal (1890-1947)” em 2016. Além de diversas publicações relacionadas com a história do turismo e do medievalismo, tem colaborado em projetos de investigação focados em temas como a história da descolonização, do trabalho infantil ou do cinema. Neste momento trabalha como gestor editorial no IHC – NOVA FCSH/ IN2PAST, sendo membro da Comissão Coordenadora da Imprensa de História Contemporânea e gestor editorial da revista Práticas da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past, lançada em 2015.



Ana Maria Machado (Universidade de Coimbra)

Título: *A segunda vida de Francisco de Assis, de José Saramago – imagens difusas da memória franciscana*

Resumo: Em *A segunda vida de Francisco de Assis*, de 1987, o modo dramático foi determinante no requisitório movido contra Francisco de Assis (1181/1182-1226) – o nome despojado de santidade com que se refere ao protagonista –, e o texto é bem demonstrativo de alguns dos postulados dos estudos de medievalismo, no âmbito dos quais se insere este trabalho. Na sequência de autores como Matthews (2015), D’Arcens (2016), Prendergast e Trigg (2019), Gally (2022), Machado (2023), entre outros, procurar-se-á explorar de que forma o presente do escritor se impõe ao passado e como se processa a interlocução dos tempos idos com a época do romancista. Ao contrário de muitas das obras medievalistas, esta reescrita saramaguiana da Idade Média não é ditada por nenhuma memória nostálgica (Sterling-Hellenbrand, 2020), mas não deixa de religare – a etimologia da palavra religião é bem adequada à travessia destas temporalidades –, criticamente, no caso, o presente a uma memória algo difusa do movimento franciscano, no propósito de desacreditar o ideário de Francisco de Assis.

Bio: Ana Maria Machado é professora associada na Universidade de Coimbra, onde se doutorou com a dissertação intitulada *A representação do pecado na hagiografia medieval*. Heranças de uma espiritualidade eremítica, e membro do Centro de Literatura Portuguesa da mesma Universidade. A sua investigação e publicações repartem-se entre a literatura medieval, a literatura comparada (imagologia) e o ensino da literatura e da literatura digital (leitura e criação). Nos últimos anos tem-se dedicado aos estudos do medievalismo português. Em 2023, publicou *Literatura e Outras Artes em Diálogo: Contributos para uma Didática Transversal e Medievalismo literário português em contexto europeu*.

Maria Leonor Botelho (Universidade do Porto)

Título: *A De Monumento Nacional a património cultural: a gestão da arquitetura medieval no pós-25 de Abril*

Resumo: O artigo 9º da Constituição da República Portuguesa (1976) assume como uma das tarefas fundamentais do Estado a proteção e valorização do património cultural do povo português. Em 1979, o Estado Português retifica a Convenção para a Proteção do Património Mundial de 1972 que no seu art. 5º reforça a responsabilidade dos Estados parte em proteger, preservar e valorizar o “património cultural e natural situado no seu território e nas condições apropriadas a cada país”. Cientes das consequências que estes marcos legislativos tiveram no campo da gestão do património à escala nacional, nomeadamente ao nível das alterações no quadro da tutela, da afetação do património e da atualização de políticas públicas de gestão, pretendemos compreender como estas impactaram na salvaguarda dos edifícios medievais, e em particular os classificados como M.N. Na sequência da adesão à CEE (1986) e no âmbito da aplicação dos primeiros Quatros Comunitários de apoio, identifica-se uma outra atitude perante os edifícios medievais, numa leitura já distante daquela que imperava antes de 1974. Como é que os edifícios medievais, monumentos pátrios no pré-25 de abril, passam paulatinamente a cumprir um novo desígnio e a assumir-se como equipamentos culturais e recursos territoriais? Procuraremos discutir esta questão tomando como casos de estudo a Rota do Românico e a Rota das Catedrais.

Bio: Maria Leonor Botelho. Doutorada em História da Arte. É Professora Associada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Departamento de Ciências e Técnicas do Património), onde é Diretora da Licenciatura em História da Arte. É investigadora integrada do CITCEM /FLUP e coordenadora do grupo de investigação "Património Material e Imaterial". É membro da Associação Europeia para a História Urbana (EAUH). Faz parte da Cátedra da UNESCO intitulada "Património, Cidades e Paisagens". Gestão Sustentável, Conservação, Planeamento e Design", acolhida pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e coordenada pela professora Teresa Cunha Ferreira, em colaboração com o professor Rui Fernandes Póvoas. Licenciatura em História - Variante de História da Arte (FLUP, 2001), Mestre em Arte, Património e Restauro (FLUL, 2004) e Doutorada em História da Arte Portuguesa (2011) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com uma tese sobre o estudo da historiografia da arquitetura da época românica em Portugal (1870-2010) (com bolsa FCT (publ. in col. de Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas - FCG e FCT, 2013). Desenvolve investigação nas áreas da arquitetura e historiografia da época românica, das intervenções da DGEMN na arquitetura românica em Portugal (1929-1982). O seu campo de trabalho e investigação alargou-se no âmbito da gestão do património, do património digital e do património mundial. Leciona unidades curriculares no âmbito dos temas de Gestão do Património, História Urbana e Arquitectura Medieval no 1º e 2º ciclos, orientando projetos de investigação nas mesmas áreas de conhecimento ao nível de mestrado e doutoramento. Juntamente com Ricardo Dias, traduziu para português a London Charter para a visualização do património cultural por computador. Desde 2015 tem sido uma das coordenadoras, curadoras e produtoras de várias exposições virtuais publicadas na página da FLUP na plataforma Google Arts and Culture. Com Lúcia Rosas, Maria Leonor Botelho recebeu o prémio de "Projectos de Inovação Pedagógica" de 2017 (entre os 10 premiados), realizado pela Universidade do Porto com o projeto "Porto de Virtudes". Em conjunto com a Lúcia Rosas, Mário Barroca e César Guedes, coordenou a Enciclopédia do Românico em Portugal (2018-2021), ao abrigo do protocolo de colaboração assinado entre a FLUP e a Fundación Santa María la Real del Patrimonio Histórico, un Proyecto desde Castilla y Leon (FLUP/PS-CPS/2018-72404), obra publicada em 2023.



Miguel Metelo de Seixas (Universidade NOVA de Lisboa)

Título: *As cores do 25 de Abril: continuidades e rupturas heráldicas*

Resumo: Todas as revoluções trazem com elas imagens pelas quais se afirmam, se constroem e se difundem as alterações almejadas ou efectivamente produzidas no tecido político e social. O 25 de Abril de 1974 não escapou a esta regra. A presente comunicação pretende analisar o conjunto de imagens gráficas geradas pela revolução como sinais visuais do regime democrático que se foi implantando. Tais imagens compreendem elementos novos em relação às que sustentavam o regime deposto, nomeadamente a valorização dos cravos vermelhos, relacionáveis com o conceito de uma revolução pacífica e popular. Estas flores vermelhas sobre os seus caules verdes retomavam também a bicromia republicana, funcionando assim, em simultâneo, como reforço de um ideal nacionalista, agora baseado em premissas e objectivos bem diferentes dos do Estado Novo. Igualmente significativos foram os emblemas assumidos pelos diversos partidos políticos então criados ou pré-existentes mas então dotados de novo papel: fornecer-se-á uma visão geral das figuras e cores partidárias. Um último aspecto sobre o qual se debruçará a presente comunicação consiste nas continuidades emblemáticas, menos evidenciadas, mas não menos significativas: o novo regime, com efeito, conservou os símbolos nacionais do anterior, evitando modificá-los, mas atribuindo novos significados a algumas das suas figuras.

Bio: Miguel Metelo de Seixas, doutorado em História (2010), é desde 2011 investigador integrado do Instituto de Estudos Medievais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, onde coordenou o grupo de investigação “Imagens, Textos e Representações” (2019-2021). Lecciona actualmente a disciplinas “Categorias Mentais: Práticas e Representações” do mestrado em Estudos Medievais da FCSH-NOVA e o seminário “Ciclo de Conferências em Estudos Medievais: perspectivas cruzadas” do doutoramento em Estudos Medievais da FCSH-NOVA e Universidade Aberta. Participou em numerosos projectos de pesquisa financiada e coordenou o projecto de pesquisa “In the Service of the Crown. The use of heraldry in royal political communication in Late Medieval Portugal”, parceria entre o IEM e a Universidade de Münster (Alemanha), financiado pela Volkswagen Foundation (2015-2018). Foi professor convidado na École Pratique des Hautes Études (Paris) e nas seguintes universidades: Federal da Bahia, Firenze, Poitiers, Viterbo e Roma III. Na área da heráldica e da história, conta com cerca de uma centena de publicações (livros próprios e coordenados, capítulos de livros, artigos, catálogos de exposições, resenhas críticas) editadas em Portugal, Brasil, França, Espanha, Alemanha, Grã-Bretanha e Itália, com destaque para os mais recentes livros: *Heraldry in Contact – Perspectives and Challenges of a Connective Image Form* (2023), *State-Rooms of Royal and Princely Palaces, 14th-16th centuries: Spaces, Images, Rituals* (2022), *Devises, lettres, chiffres et couleurs : un code emblématique, 1350-1550* (2022).



Alicia Miguélez (Universidade NOVA de Lisboa)

Título: *Representações da Idade Média no cinema português após o 25 de Abril*

Resumo: A cinematografia portuguesa dos finais dos anos 70 e da década dos anos 80 do século XX revela um interesse crescente por filmes de ficção que representem, de uma forma ou de outra, a Idade Média europeia e portuguesa. Realizadores como João César Monteiro, Noémia Delgado, António de Macedo ou José Álvaro Morais são expoentes de um cinema de ficção que mergulha na Idade Média de uma forma diferente do cinema documentário de propaganda impulsionado pelo Estado Novo. Esta comunicação pretende contextualizar esta criação cinematográfica no período de importantes mudanças políticas e sociais ocorridas em Portugal após o processo revolucionário do 25 de Abril e, ao mesmo tempo, analisar em que medida pode ser considerada um reflexo das mesmas.

Bio: Alicia Miguélez é doutorada em História da Arte pela Universidade de León (2009). Atualmente é Professora Auxiliar no Departamento de História da Arte da Universidade NOVA de Lisboa (NOVA FCSH) e Investigadora do Instituto de Estudos Medievais da mesma instituição. Os seus interesses de investigação incluem a cultura visual medieval; a história da arte técnica; e a recepção da Idade Média em época moderna e contemporânea. Em relação a esta última, desenvolve atualmente investigação sobre a representação da Idade Média no cinema, com especial enfoque nas cinematografias espanhola e portuguesa. Co-editou um livro sobre este tema, sob o título *Cine-Medievalismos: a Idade Média no Cinema e na Televisão Luso-e Hispanófono* (publicação prevista para 2024) e co-organizou três mostras de cinema sob o título "Luz y Sombra Representações da Idade Média no cinema" (Lisboa, 2022; Madrid, 2023-2024; Tokio, 2024).



Tristão Machado Perez-Gutián de Quiroga (Universidade NOVA de Lisboa)

Título: *“O Inferno Português” - O medieval(izante) enquanto ‘arma revolucionária’ e construtora de uma identidade portuguesa no cinema do pós-25 de Abril*

Resumo: A identidade nacional promovida pelo regime apelidado de fascismo de cátedra, nomeadamente por via do veículo cinematográfico, alicerçou-se em narrativas histórico-poéticas, no fenómeno apelidado por Eduardo Lourenço de “o fundo do carácter português”. Aqui, analisamos o filme “O Rei das Berlengas ou a Independência das Ditas” (1978), de Artur Semedo. Procuramos explorar o recurso ao medievalizante e o revisitar dessa visão estado-novista da Idade Média após o 25 de Abril de 1974, numa lacónica reflexão cinéfilo-política, servindo-nos de instrumentos provenientes do campo do medievalismo; tentando situar a visão do medieval oferecida entre o medievalismo grotesco e o medievalismo romântico, avaliando a intencionalidade do seu emprego e por fim ponderando da sua eficácia. Damos particular enfoco à recreação que é feita em sede do filme, da obra “O Inferno” e ao recurso a personagens histórico-medievais.

Bio: Tristão de Quiroga (n.2000). Jurista pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Presentemente frequenta o Mestrado em História da Arte na FCSH, NOVA. Com interesses de investigação centrados na temática de Arte Bruta ou Outsider.



Joana Rocha e Cunha (Universidade NOVA de Lisboa)

Título: *“The Middle Ages as a Feminist Weapon. Um olhar sobre obras de Paula Rego e Adriana Molder”*

Resumo: Uma das portas que Abril abriu foi a da emancipação feminina. Na sua infância, a artista Paula Rego ficou marcada pelo regime salazarista opressivo, que colocava as mulheres num lugar de subjugação. Esse impacto é visível na sua obra que tem características marcadamente feministas. Na sua produção, a artista abordou temáticas ligadas a contos de fadas e contos tradicionais que continham referências medievais. Num olhar para duas séries suas e um projecto colaborativo com a artista Adriana Molder, pretende-se compreender como o medievalismo foi utilizado como crítica ao patriarcado.

Bio: Joana Rocha e Cunha é mestranda em História da Arte na área de especialização de Arte Contemporânea, na FCSH-Universidade NOVA de Lisboa e licenciada em História da Arte pela mesma instituição. No âmbito do estágio curricular, integrou a equipa de investigação do IHA seed-project ‘Confissões de Género – auto-retratos de artistas e escritoras portuguesas no pós-25 de Abril’. Foi bolseira de investigação no Instituto de História da Arte (NOVA-FCSH), no projecto ‘Narrativas do Eu entre o público e o privado: livros de artistas mulheres na Coleção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian’ e tem colaborado com o CEDANSA – Centro de Estudos e Documentação Almada Negreiros / Sarah Affonso. Paralelamente, tem ainda o plano de estudos completo em Fotografia (2010-2015), do Ar.co – Centro de Arte e Comunicação Visual.

Organização:

Instituto de Estudos Medievais - NOVA FCSH

Instituto de História Contemporânea - NOVA FCSH

Centro de Literatura Portuguesa - Universidade de Coimbra

Centro de História da Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa

